

A pandemia do coronavírus e os impactos na condição juvenil contemporânea:  
subsídios para o debate

André Sobrinho – Sociólogo, coordenador da Agenda Jovem Fiocruz  
Helena Wendel Abramo – Socióloga, pesquisadora sobre juventude

*“Não peguei indo pra rolezinho, não...”*  
Natália Rodrigues, 24 anos. Estagiária de enfermagem e vítima da covid-19.

No início da pandemia do coronavírus em 2020 constatava-se, pelos dados epidemiológicos disponíveis àquela altura, que os agravos e sintomas da COVID-19 afetavam pouco a população jovem. A compreensão corrente era de que os mais novos não desenvolviam sintomas graves e estavam longe do risco de letalidade; poderiam, desse modo, assumir tarefas que envolviam circulação e contato para poupar os mais velhos. Em paralelo, se demonstrava uma preocupação em torno do contágio e transmissão em seus círculos de convivência, o que colocaria em risco os vulneráveis aos desdobramentos agudos da infecção.

Retrospectivamente, é possível verificar a existência de uma ambiguidade nas mensagens dirigidas aos jovens: “não sejam transmissores do vírus”, mas “assumam atividades públicas que exigem circulação para preservar os idosos”; “adiram às medidas de isolamento”, mas “sejam proativos para se manter na corrida pela inclusão”, sabendo que, sem a manutenção do calendário escolar e o agravamento da situação econômica e do mundo do trabalho, vocês se tornam parte potencial de uma “geração perdida” pela pandemia<sup>1</sup>. Os jovens foram convocados a ajudar a manter as atividades vitais da sociedade e de suas próprias “carreiras”, mas não foram objeto de medidas de proteção e cuidado, nem mesmo aquelas relacionadas às atividades às quais estavam convocados a suportar. Com a extensão e agravamento da pandemia, os jovens foram se tornando progressivamente foco de atenção epidemiológica e social, centrada no seu “comportamento de risco”.

---

<sup>1</sup><https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/05/19/forum-economico-mundial-estamos-enfrentando-o-risco-de-outra-geracao-perdida.htm>  
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52814564>

Em 2021 desenha-se um novo quadro da pandemia e tal apelo se acentua. Pessoas jovens ganham maior destaque em função do que está sendo descrito como uma espécie de “juvenilização” da infecção<sup>2</sup>: aumento da incidência de casos sintomáticos e uma maior ocorrência de agravamentos e mesmo de óbitos em pessoas mais jovens sem comorbidades. Dentre outros fatores ainda em investigação, deve-se tal quadro ao surgimento de novas variantes mais transmissíveis do vírus, à saturação da rede de atendimento hospitalar e ao ainda incipiente processo de vacinação, direcionado prioritariamente aos grupos de faixas etárias mais elevadas. Boletins epidemiológicos e relatos de profissionais de saúde sobre as alterações do perfil etário de pacientes com COVID-19 que chegam aos hospitais trazem mais uma dimensão do problema: os jovens brasileiros, além de estarem se infectando mais e apresentando sintomas graves, ocupam por mais tempo os leitos já insuficientes das Unidades de Terapia Intensiva devido a sua resistência física e, portanto, bloqueiam a rotatividade. Por fim, tudo vem ocorrendo em um processo acelerado e a transmissão do coronavírus nas pessoas jovens - 20 a 49 anos na classificação epidemiológica - alcança números assustadores nas últimas semanas do mês de março.

Nesse contexto crítico, reforçam-se, com razão, os apelos direcionados à juventude para as medidas de isolamento e distanciamento social. Contudo, chama a atenção o fato de que os apelos têm, quase unissonamente, desenhado um retrato dos jovens como os principais responsáveis pela disseminação do vírus, em função do que se percebe como um comportamento insensato, fruto de uma “indiferença” ao problema da pandemia ou de uma incapacidade de controlar seus impulsos por lazer e diversão. O foco do noticiário e de muitas das explicações para a aceleração da disseminação do vírus tem sido a realização de eventos de lazer e confraternização em espaços públicos ou privados: primeiro, aqueles relacionados às comemorações de fim do ano, depois o carnaval e, agora, as baladas e festas clandestinas; mas, mesmo que muitos desses eventos tenham sido protagonizados por pessoas das mais diferentes idades, aos jovens são atribuídas as aglomerações, reconhecidas como inerentes à sociabilidade juvenil. Amplificam-se as preocupações quando surgem imagens de tais baladas fartamente veiculadas pela mídia, em distintos territórios, mas sobretudo nas periferias de áreas urbanas.

---

<sup>2</sup> A concentração etária da doença nas pessoas acima dos 60 anos, inicialmente vítimas mais letais da COVID-19, fez surgir uma classificação geracional específica para a pandemia. Pelos parâmetros epidemiológicos adotados e constantemente revisados, são consideradas pessoas jovens a faixa etária alargada de 20 a 49 anos.

Ajuizamentos sobre os comportamentos individuais erráticos nesse aspecto são inevitáveis e os discursos de responsabilização dirigem-se em maior grau aos jovens, em especial àqueles já em outras ocasiões percebidos e rotulados como causadores de todo o tipo de desordem, incapazes de manter a coesão social ou mesmo responsáveis pela sua corrosão.<sup>3</sup> O uso reiterado das notícias e imagens relacionadas aos bailes funks, por exemplo, nos faz lembrar do perigo de eleição de um bode expiatório, com o uso de rótulos sempre muito facilmente colados aos jovens de favelas e periferias, principalmente os jovens negros, como já ocorreu em outros momentos de nossa história recente<sup>4</sup>. Nesse mesmo movimento, são acionados discursos de controle sobre os jovens, desde os dirigidos às famílias, que devem atuar com autoridade frente aos filhos, até aos órgãos de fiscalização, que devem punir os organizadores dos eventos, e às forças de segurança, que devem usar os seus mecanismos de repressão. Não se trata aqui, evidentemente, de negar a preocupação com esses acontecimentos nem a importância de coibir suas realizações, e muito menos negar a necessidade de dirigir apelos aos jovens para que se comportem de forma consciente. No entanto, não se pode deixar de entender mais amplamente de que modos os jovens estão expostos à pandemia no cenário brasileiro.

Lugar comum dos estudos sobre a juventude brasileira é dizer de sua pluralidade, diversidade e diferentes modos de existir. Apenas a faixa etária entre 15 a 29 anos corresponde a 47 milhões de pessoas, aproximadamente 23% da população do país<sup>5</sup>. Um contingente populacional que forja linguagens e dinâmicas próprias características de uma etapa da vida marcada por busca de inserção e autonomização, mas que não se dissociam das condições estruturais de produção e reprodução da vida em territórios geográficos concretos. Incidir sobre comportamentos propondo mensagem uniforme, quando não ambígua, para *uma* juventude supostamente homogênea torna-se inócuo. De outro lado, expor as contradições comportamentais juvenis refletidas em aglomerações

---

<sup>3</sup> ABRAMO, H. *Cenas Juvenis*. 1994. São Paulo, Ed. Scritta.

<sup>4</sup> Micael Herschmann e João Freire Filho atualizaram a noção de “pânico moral” e de demonização de certos grupos sociais, elaborada nos anos 1990 por sociólogos como Cohen (“Folk devils and moral panics”) para explicar o tratamento dado pela mídia brasileira ao movimento funk na última década do século XX, quando bailes reunindo milhares de jovens nas favelas cariocas foram vistos como pretextos e causas dos principais problemas associados aos conflitos urbanos de então: os arrastões, a exploração sexual de menores, o comércio ilegal de drogas e as guerras do tráfico. HERSCHMANN, M. e FREIRE FILHO, J. 2005. *A (des)construção do espetáculo contemporâneo*. 2005. Rio de Janeiro, Epapers.

<sup>5</sup> Fonte: PNAD 2019. IBGE.

festivas merece a devida atenção em busca de uma consciência sanitária, mas é uma parte mínima do que se pode dizer sobre essa juventude.

Colocada na mira da pandemia, a juventude deve ser compreendida em um duplo registro: epidemiológico e social. O enfrentamento ao atual momento, exige uma análise mais complexa do que supõe os estereótipos reforçados pelas imagens das aglomerações juvenis festivas veiculadas. O fato é que são os jovens, especialmente os dos estratos de classe média baixa e os mais pobres, que vêm sendo submetidos mais fortemente à exposição da contaminação e transmissão. E não somente (e até mesmo antes e mais que isso) porque se amontoam em festas, mas por que estão submetidos a uma condição de vida e a situações que os impedem de observar os protocolos de isolamento e quarentena.

A maior circulação e aglomeração dos jovens tem se dado em função de sua necessidade de trabalhar, mesmo durante a pandemia. Sabe-se da centralidade que questões relativas ao trabalho ocupam na vida da juventude brasileira. Problemas de desemprego, informalidade e falta de proteção, acentuados pela pandemia, recaem sempre de forma mais dramática sobre os jovens. Dados da PNAD mostram que 70% dos jovens entre 18 e 24 anos estavam, em 2019, trabalhando ou procurando emprego; durante os anos de 2020 desemprego nessa faixa etária foi a 24%, o dobro da população adulta; a informalidade, que é uma marca do trabalho oferecido aos jovens, atingiu 40% dos ocupados em dezembro de 2020<sup>6</sup>. A maior parte dos que encontram trabalho estão em trabalhos intermitentes, informais e/ou precarizados que exigem deslocamentos, circulação e contato social, tais como empregos domésticos, comércio ambulante, “empreendimentos” de diferentes tipos de “viração” etc. Ou seja, trabalhos com pouca ou nenhuma proteção, tanto no sentido da seguridade social e trabalhista, como no sentido da exposição ao coronavírus. Entregadores de aplicativos<sup>7</sup> e profissionais de saúde (médicos e enfermeiros, assistentes de enfermagem, fisioterapeutas, farmacêuticos, maqueiros, serviços de limpeza hospitalar, dentre outros), são talvez a imagem mais eloquente do papel essencial e ao mesmo tempo em alto risco dos jovens trabalhadores na conjuntura da pandemia. Levantamento da Escola Nacional de Saúde Pública

---

<sup>6</sup> Dados dezembro 2020 da PNAD COVID19.

<sup>7</sup> Ludmila Abílio tem apontado, com suas pesquisas, a juvenilização da profissão de entregadores, mostrando que não apenas é cada vez mais juvenil a faixa etária dos que desenvolvem essas atividades, como o fato de que tal fenômeno acompanha o aprofundamento da precariedade dessas relações de trabalho: quanto mais precária a relação de trabalho, mais cresce a participação de jovens e negros. ABILIO, Ludmila, 2020. *Uberização e juventude periférica*. In *Novos Estudos*: volume 39 numero3. CEBRAP, set-dez 2020.

(ENSP/Fiocruz) estima que do total de 2 milhões de trabalhadores da saúde na linha de frente da atenção a pacientes com COVID-19, 38,4 % desta força de trabalho está na faixa etária de até 35 anos<sup>8</sup>.

A maior parte destes jovens residem em regiões periféricas, distantes dos centros onde se encontram as possibilidades de trabalho e estudo, em moradias cujas famílias são numerosas, com poucas condições para desenvolver atividades remotas, sendo obrigados, para realizá-las, se deslocarem em transportes públicos lotados e que promovem situações de aglomeração cotidianas e repetidas por várias horas por dia.

Os problemas econômicos do país, refletidos nos trágicos indicadores do mercado de trabalho, reforçam o consenso manifestado por diferentes atores de que a adoção de medidas de isolamento social deve estar combinada com programas de transferência de renda e de medidas mais acessíveis da proteção social no trabalho. É possível que as novas regras para o auxílio emergencial, que excluiu aproximadamente 22 milhões de beneficiários do primeiro ciclo, bem como os novos valores previstos, sejam insuficientes para garantir as medidas de isolamento que recomendam permanência em casa. De todo modo, resta claro que no momento presente, não há outra saída que não seja evitar a infecção da forma como advertem amplamente as autoridades sanitárias, garantindo algum aporte financeiro às famílias e aos jovens que se encontram encurralados nesse beco do desemprego ou do trabalho por conta própria.

A manutenção do foco do debate relativo à educação na questão do retorno ou não às aulas presenciais, sem a devida análise das desiguais condições dos alunos na observação dos protocolos para uma frequência segura, assim como para realizar o acompanhamento remoto, impediram a busca de soluções mais efetivas para evitar a profunda desigualdade resultante do processo. É ilustrativa a realização mambembe dos exames nacionais de acesso ao ensino superior em 2020, que excluiu grande parcela dos estudantes (cerca de 50% de abstenção no ENEM).

Levantamento do IPEA<sup>9</sup> identificou que 6 milhões de estudantes brasileiros de todos os níveis de ensino, em sua larga maioria da rede pública, não possuem acesso à internet nas condições exigidas para o ensino remoto. Outro estudo do mesmo órgão<sup>10</sup>,

---

<sup>8</sup> Fiocruz (2020). *Condições de trabalho dos profissionais de saúde no contexto da COVID-19 no Brasil*.

<sup>9</sup> IPEA (2020). Nota Técnica: Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia.

<sup>10</sup> IPEA (2020). Nota Técnica: A infraestrutura sanitária e tecnológica das escolas e a retomada das aulas em tempos de COVID-19.

expôs que 27% das escolas do ensino básico no país não dispõem de acesso à internet. A infraestrutura sanitária das escolas também foi revelada: 44% não tem rede de esgoto, sugerindo que as condições de higiene não estão adequadas para o retorno às aulas na vigência da pandemia. A pesquisa *Juventude e a Pandemia do coronavírus* junto a 33 mil jovens, feita pelo Conselho Nacional de Juventude, fornece elementos que ajudam a entender os diferentes níveis de impacto socio-educacional e na subjetividade dos estudantes produzidas por essa situação, chamando atenção inclusive para as reverberações do contexto educacional atual na saúde mental dos estudantes: 49% dos entrevistados relatam situações de ansiedade e estresse, 48% avaliam as dificuldades de organização para o estudo à distância, adicionando-se o componente da ausência de um ambiente adequado em seus domicílios. Constatase, portanto, que as necessárias medidas de suspensão das aulas nesse momento crítico tem sido também uma suspensão das aspirações de mobilidade social que gravitam em torno das trajetórias escolares, nas diferentes situações em que se encontram os jovens – tanto os que só estudam como também os que tentam conciliar trabalho e estudo.

Não sendo as únicas, trabalho e educação são duas áreas ilustrativas que expõem a complexidade da situação juvenil agravada em tempos de pandemia. Vistas de maneira separada ou associada, permitem aprofundar o debate sobre a realidade da juventude, deslocando os riscos de uma visão caricatural que ensaia transformá-la em bode expiatório no momento crítico em que vivemos. Ao contrário, reforça-se o entendimento de que, das desigualdades que afetam os jovens brasileiros, agravadas segundo raça/cor, gênero, classe social e local de moradia, os aspectos epidemiológicos e sociais devem andar combinados<sup>11</sup>.

O conhecimento produzido pelas ciências médicas e humanas deve subsidiar as estratégias de comunicação em saúde, ajudando a encontrar maneiras mais adequadas de veicular mensagens tanto *para* a juventude, quanto *sobre* a juventude. Para ilustrar, tão importante como expor continuamente os dados epidemiológicos relativos à infecção de jovens pelo coronavírus, formas de contaminação, sequelas recorrentes ou consequências letais, é investir em processos de investigação e consulta que identifiquem os contextos, motivações e as condições de possibilidade para o comportamento à exposição do vírus,

---

<sup>11</sup> SILVA SOBRINHO, A. *Tecendo os laços entre saúde, autonomia e cidadania*. In: Caderno Juventudes. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2017

considerando as diferentes clivagens ou marcadores sociais presentes na juventude. Outra tarefa combinada é produzir contra narrativas de representações correntes no senso comum de que “os jovens pouco adoecem”, por estarem numa fase da vida pujante em suas capacidades físicas, uma vez que tal noção é acentuada inclusive em comunicações difusas advindas de personalidades públicas.

Buscar compreender o comportamento de exposição ao vírus por parte da juventude convoca, portanto, fazer uma leitura mais apurada sobre as motivações na subjetividade, bem como as condições objetivas de vida, ambas produzidas socialmente. Na primeira, destacam-se os significados culturais que autorizam determinados comportamentos juvenis segundo sua posição social; na segunda, como reagem parcelas significativas da juventude às medidas de isolamento, envoltas ou não em aglomerações, que vivem as dificuldades de residir em áreas periféricas cujas condições de saúde urbana e de habitabilidade são precárias. É preciso também entender de que modo, assim como outras faixas etárias, os jovens estão submetidos ao negacionismo científico veiculado por poderosas institucionalidades e estratégias capilares de disseminação de notícias falsas, e buscar meios de disputar essa rede comunicacional. Por outro lado, é fundamental reconhecer, e valorizar o fato de que, apesar de cenários tão adversos, há muitos jovens e grupos juvenis que, na esfera pública, defendem o SUS e o direito à saúde, difundem nos seus meios de comunicação as normas sanitárias corretas e movem valorosas ações de solidariedade durante a pandemia em áreas periféricas<sup>12</sup>.

Concluindo, os jovens precisam de diferentes tipos de mensagens e apelos ao modo como devem se comportar no enfrentamento da pandemia. Não podem, contudo, ser foco apenas de ações de responsabilização e controle, mas também de ações de proteção e cuidado, auxílios de renda dos quais possam se beneficiar, proteção trabalhista para as atividades econômicas em que estão inseridos e nas quais estão sendo sobrecarregados na pandemia; medidas emergenciais de acesso à internet (não apenas distribuição de aparelhos mas acesso à conectividade) que lhes permitam participar de atividades educacionais, laborais, culturais e de lazer e sociabilidade de forma virtual; e, mais que tudo, de uma real política coordenada de enfrentamento da pandemia, pela qual se possa reduzir o contágio, garantir vacina e acelerar o processo de vacinação para que

---

<sup>12</sup> <http://periferiaemmovimento.com.br/vaquinha-covid/>  
<https://www.brasildefato.com.br/2020/10/27/o-que-tem-sido-as-aco-es-de-solidariedade-do-periferia-viva>

jovens, adultos e idosos, tenham a imunidade necessária à retomada de suas vidas, de seus “corres” e dos seus sonhos.